

KAOUTAR HARCHI. *Ainsi l'animal et nous*.

Paris : Actes Sud, 2024, 318 pp.

CRISTINA ÁLVARES*
calvares@elach.uminho.pt

A ordem zoosocial do Ocidente moderno

Este livro, da socióloga e escritora francesa de origem marroquina Kaoutar Harchi, é um ensaio político intercalado por cenas de um episódio autobiográfico envolvendo crianças, cães, polícias, pais e um açougue. Usando uma expressão de Grégoire Chamayou, Kaoutar Harchi estuda ‘a zoologização das relações sociais’¹ no Ocidente moderno e, para isso, examina algumas estratégias de dominação a que são sujeitos certos grupos sociais – de raça, de género e de classe – em referência à categoria de espécie (‘uma espécie de homens’). A emergência da razão moderna, instaurando o grande dualismo natureza-cultura, consolidou um *statu quo* ontológico assente na supremacia e no próprio do Homem e legitimou a dominação e a exploração da natureza, logo dos vivos, nomeadamente dos animais, bem como de todos os grupos submetidos a processos de animalização. Kaoutar Harchi diz-nos que a condição de possibilidade de constituição de uma ordem zoo-social, em que as categorias de género, raça e classe estão englobadas na de espécie, é a animalização dos animais. Esta expressão pode parecer mas não é absurda. A grande

clivagem natureza-cultura privou os animais de biografia e de existência própria para os reduzir integralmente aos seus corpos e subjugar-los como coisas aos interesses da espécie dominante. Um trilhão de animais – número inimaginável – são mortos, por ano, no mundo, para nos alimentar. Esta matança massiva de seres que nascem unicamente para serem transformados em carne é a forma paroxística de uma violência antrópica que se declina também sobre certos grupos humanos animalizados.

Não-brancos

A história desta violência começa, para Kaoutar Harchi, em 1492, ano da descoberta da América, data-chave da expansão europeia e de arranque da colonização e da modernidade. A Idade Média fica de fora desta história na medida em que se verifica então algum respeito e reconhecimento do ponto de vista do indivíduo-animal, do sujeito-animal, no qual a presença de Deus é tangível. Harchi não menciona São Francisco mas é impossível não pensar nele.

O ano de 1492 inaugura então a história de violência que formou a modernidade. No início da colonização, vasta operação de apropriação de terras e

* Professora catedrática, Universidade do Minho, Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas, Centro de Estudos Humanísticos, Braga, Portugal. ORCID: 0000-0001-5968-4724.

¹ *As caças ao homem. História e filosofia do poder cinegético*. Lisboa: Antígona, 2023, p.70.

de populações pelas potências europeias, o debate entre Juan Ginés de Sepúlveda e Bartolomé de Las Casas em torno da ontologia dos ameríndios, é o primeiro cenário de animalização de um grupo humano diferente com vista à sua subjugação, seja pela servidão, seja pela conversão, e assim justificar a colonização. Segue-se o comércio triangular e a escravatura colonial que assentou o desenvolvimento económico e social da Europa na clivagem racial (e racista) que separa proprietários de plantações e pessoas escravizadas, reduzidas ao corpo e este a uma ferramenta de produção de açúcar. Empregue pela primeira vez em 1684 por François Bernier, numa obra intitulada *Nouvelle division de la terre par les différentes espèces ou races qui l'habitent*, o termo 'raça' é equiparado ao de 'espécie' para designar povos não europeus e legitimar o seu destino de servidão.

Mulheres

No século XIX, que proclama a abolição da escravatura e a substitui por novas formas de servidão (*les engagés* ou *indentured labourers*), o foco vira-se para o colonialismo escópico que passa pela exibição de animais exóticos e/ou amestrados nas feiras, nos circos e nas exposições universais. Mas não são apenas os animais que são exibidos. Kaoutar Harchi analisa o caso de Saartje Baartman, conhecida como a 'Vénus hottentote', mulher negra que foi propriedade de um exibidor de animais e que, uma vez falecida (1815), foi dissecada por Georges Cuvier, num ato de violência póstuma que, em nome da ciência, estabeleceu o seu parentesco com os primatas. O seu caso é exemplar de uma sobreposição da raça e do sexo ao serviço da animalização das mulheres. Os homens, incluindo os escritores (Goncourt, Maupassant, Zola), duvidam da pertença das mulheres à

espécie humana. Afinal, mulheres e animais, tal como os povos racializados e colonizados, não têm história, confinados que estão nos limites e limitações biológicas, ou seja, no espaço delimitado da natureza entendida como recurso a explorar. Daí o emprego, simultaneamente essencializante e reificante, de *a* Mulher e *o* Animal: o artigo definido, intensificado pela maiúscula, define mulheres e animais como categoria que os priva do estatuto de indivíduo e de sujeito, para legitimar a apropriação material e simbólica dos seus corpos aos quais só é reconhecido o valor de produção e de reprodução. Rebaixar os outros vivos, marcá-los e parqueá-los, é necessário à imagem prestigiosa que os homens se dão de si próprios e que fundamenta o seu poder e o seu privilégio. Ora, a *Belle Époque* assiste ao aparecimento de movimentos de solidariedade entre mulheres e animais, motivados nomeadamente pela prática da vivisseção. Liderados e protagonizados por mulheres como Marie Hulot e Louise Michel entre outras, os movimentos de protesto contra a vivisseção deram origem à aliança entre feminismo e vegetarianismo. Também a ação das sufragistas, envolvendo direitos das mulheres e direitos dos animais num mesmo impulso, contribuiu para a apurar a consciência da afinidade política entre mulheres e animais.

Proletários

Ao género e à espécie vem juntar-se a classe: os proletários em luta contra a estratégia capitalista de excluir o povo, a multidão com os seus instintos do círculo da humanidade. Forma-se assim uma aliança entre feminismo, vegetarianismo e socialismo.

Aquela que é talvez a parte mais perturbadora deste livro gira em torno de Henri Ford, do que está na origem das suas famosas linhas de montagem, do seu

antisemitismo e das suas conexões com os nazis. Ford inspirou-se dos açougues industriais de Chicago, que faziam da cidade o maior matadouro do mundo, para criar as linhas de montagem de carros. Observando as cadeias mecânicas de degolação e de desmembramento dos animais, Ford teve a ideia de aplicar o mesmo princípio às carcaças dos carros, não para os desmontar, mas para os montar. Deste modo, diz-nos Kaoutar Harchi, a matança massiva e mecânica de animais torna-se o modelo do mundo industrial moderno. O açougue, lugar da produção contínua de violência sobre os animais e sobre os trabalhadores, é o berço do capitalismo industrial moderno.

Judeus

Para a A., este facto não é alheio ao antisemitismo de Ford e às suas relações com os nazis. Entre o açougue e o campo de extermínio há uma relação que Adorno formulou como este autorizando-se daquele: o genocídio não teria acontecido sem o abate intensivo e mecânico de animais. O mundo é um imenso açougue onde seres vivos, humanos e não-humanos, são animalizados para serem mortos. Assim, os judeus mas também os ciganos, os eslavos, os comunistas, os deficientes, os homossexuais, todos os ‘degenerados’ foram animalizados na vasta operação nazi de reconfiguração da relação humano-animal. Kaoutar Harchi examina vários aspetos dessa reconfiguração, impregnada de naturalismo fascista, na qual a superanimalização de si na figura do predador (Hitler lobo) é correlativa da infranimalização dos outros (ratazanas, baratas, vermes) que os torna matáveis porque indignos de viver (vidas sem valor). Entra aqui a política nazi de elevação dos animais acima dos humanos que define um judeu tanto quanto um sub-homem como um subanimal, apto a tomar

o lugar do animal na vivisseção. Assim, os nazis batizam *Mensch* (Homem) o feroz *dobermann* que ataca o judeu a quem, por sua vez, chamam ‘cão’.

Migrantes

Terminada a Segunda Guerra mundial, vem a descolonização e a guerra da Argélia. O elo entre duas perseguições, aos judeus nos anos 1940 e aos argelinos nos anos 1950 e 1960, é representado por Maurice Papon, responsável pela deportação de milhares de judeus para os campos nazis em 1942 assim como, mais tarde, em 1961, enquanto chefe da polícia de Paris, pelo recolher obrigatório da população argelina. A 17 de outubro desse ano, a repressão policial de uma manifestação de migrantes argelinos, comparados a ‘bestas da pior espécie’, salda-se num massacre de centenas de pessoas, muitas das quais morreram afogadas no Sena. Entre elas, Fatima Bédar, com apenas 15 anos. Parêntesis: não seria de incluir entre os grupos animalizados e dominados, o dos menores, aqueles que, tal como o gado, têm de ser criados? Kaoutar Harchi analisa seguidamente o fantasma que combina racial e sexual na animalização da sexualidade árabe: o corpo do migrante colonial é reduzido ao órgão sexual masculino, órgão do instinto bestial responsável de violações.

Por fim, no âmbito da zoologização das relações sociais, em particular as que mobilizam populações migrantes muçulmanas, toma especial relevo o tema da pilosidade. Marca da nossa animalidade, o pelo é alvo de tabus, rituais, normas e técnicas desde tempos imemoriais. Kaoutar Harchi aborda as restrições relativas à barba e ao véu como técnica disciplinar de controlo dos corpos e da sua aparência, uma técnica de domesticação que visa transformar o lobo em cão.

Domesticação

Consolidada através da relação de poder do humano ao animal e mobilizada também entre humanos, a domesticação constitui o âmago da ação política. Convém, porém, precisar dois aspetos. Primeiro, não foi o Ocidente que inventou a domesticação que o precede de muitos séculos em paragens bem longínquas. Segundo, a domesticação dos animais, que acompanha a das plantas, ambas grandes e decisivas iniciativas de controlo e de apropriação do vivente, foi ela própria precedida de uma autodomesticação através da qual os (pré-)humanos se tornaram caçadores e dizimaram, ao longo da Pré-história, a megafauna. A domesticação de certas espécies animais mais não é do que o culminar do domínio humano sobre os outros animais que a prática continuada da caça, que é uma técnica disciplinar e autodisciplinar, tinha progressivamente transformado em presas a abater e a comer. A violência antrópica é inseparável da existência humana e concebida, organizada e distribuída por cada comunidade humana, por cada cultura, de diferentes maneiras. O que singulariza o Ocidente moderno é, como mostra Kaoutar Harchi, o impacto devastador do seu poder de domesticar o ser. O que se verifica também é, nos vários cenários descritos, a indocilidade do vivente que se manifesta na resistência às estruturas do poder patriarcal, branco e capitalista. Para pôr fim à ordem zoosocial, Kaoutar Harchi propõe abolir as categorias de raça, género e classe e substituir à identidade a relação como critério ético e político presidindo ao reconhecimento dos outros.